18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

A EXPERIÊNCIA DO LUGAR E A CO-CRIAÇÃO DE PRAÇAS PÚBLICAS EM SUZANO (SP)

Sessão Temática: ST-2 - Paisagens e Territórios

PLACE EXPERIENCE AND CO-CREATION OF PUBLIC SQUARES IN SUZANO (SÃO PAULO, BRAZIL)

CASIMIRO, Matheus de Vasconcelos
Docente e Pesquisador | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie| São Paulo, SP, Br | matheus.casimiro@mackenzie.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7313-4283

COELHO, Eliene Corrêa Rodrigues
Docente e Pesquisadora | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie| São Paulo, SP, Br | elienecorrea.coelho@mackenie.br | ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6922-2109

LÚ, Ricardo da Silva Hatiw
Diretor de Planos e Projetos | Prefeitura do Município de Suzano | Suzano, SP, Br | rica.arquiteto@gmail.com | ORCID: https://orcid.org/0009-0000-8939-1770

RESUMO

O trabalho relata e analisa uma atividade realizada em 2023 no âmbito de um projeto de extensão voltado ao planejamento do Sistema de Áreas Verdes e à concepção participativa de praças públicas próximas a escolas em Suzano. A iniciativa integra um conjunto mais amplo de ações decorrentes do acordo de cooperação firmado, em 2022, entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie e a administração municipal. Nesse contexto, um grupo de pesquisa propôs a articulação entre universidade e poder público, com foco em políticas urbanas relacionadas à natureza. Com base em relatos anteriores, o artigo aprofunda a análise da co-criação de praças públicas e seus impactos nas práticas dos servidores municipais. O processo propõe superar a racionalidade instrumental, valorizando a experiência cotidiana e o território como dimensões compostas por identidades, memórias e afetos. A cocriação é entendida como um campo estruturado de interação entre subjetividade e mundo, no qual o projeto emerge de processos coletivos. O debate organiza-se em três etapas: a descrição de um workshop que inicia um processo de implantação de praças, a evolução dos projetos pela equipe técnica e a análise de aspectos que evidenciam as especificidades da co-criação em relação aos métodos tradicionais.

Palavras-chave: co-criação; experiência do lugar; praças públicas.

ABSTRACT

The present work reports and analyzes an activity carried out in 2023 within an extension project focused on the planning of the Green Areas System and the participatory design of public squares near schools in Suzano. The initiative is part of a broader set of actions resulting from a cooperation agreement established in 2022 between Mackenzie Prebiteryan University and the municipal administration. In this context, the group of researchers proposed an articulation between the university and public authorities, focusing on urban policies related to nature. Based on previous reports, the article deepens the analysis of the co-creation of public squares and its impacts on the practices of municipal staff. The process seeks to overcome instrumental rationality by valuing everyday experience and the territory as dimensions shaped by identities, memories, and affections. Co-creation is understood as a structured field of interaction between subjectivity and the world, in which the project emerges from collective processes. The discussion is organized into three stages: the description of the initial workshop with the debates of the public squares, the development of the projects by the technical team, and the analysis of aspects that highlight the specificities of co-creation in contrast to traditional methods.

Keywords: *Co-creation; Place Experience; Public Squares.*

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade relatar e analisar uma atividade específica desenvolvida em 2023 no âmbito de um projeto de extensão dedicado ao planejamento do Sistema de Áreas Verdes e à concepção participativa de praças públicas próximas a escolas no município de Suzano. A ação integra um conjunto mais amplo de iniciativas decorrentes do Acordo de Cooperação Acadêmico-Científico-Cultural estabelecido, em outubro de 2022, entre a Universidade Presbiteriana Mackenzie e a administração municipal. Nesse cenário, o grupo de pesquisa "Rama: Observatório de Práticas Projetuais" propôs um projeto voltado à integração entre universidade e poder público, com foco nas políticas urbanas relacionadas à natureza. Entre os principais resultados, destacam-se a realização do Seminário Internacional "Suzano do Amanhã +5" e do workshop "O que tem atrás desse muro?". Partindo de relatos previamente publicados (Casimiro *et al*, 2023; Casimiro *et al*, 2024; e Coelho *et al*, 2024), este artigo aprofunda a análise de um impacto específico: a co-criação de praças públicas e seus desdobramentos nas práticas dos servidores municipais.

A cocriação de espaços públicos, como as praças de Suzano, fundamenta-se na superação da racionalidade instrumental e utilitarista que historicamente reduziu a cidade a sistemas de fluxos e funções (Lima *et al.,* 2025). Em vez de projetar sob a ficção de um sujeito universal e abstrato, a cocriação assume a experiência do lugar e o cotidiano como chaves políticas e projetuais, reconhecendo que o território é uma trama de identidades, memórias e afetos. O princípio fundamental dessa abordagem é a distinção entre espaço e lugar: enquanto o espaço é uma entidade abstrata, o lugar é o espaço dotado de valor e significado através da experiência (Tuan, 2013). Propor um processo cocriativo significa, portanto, criar um "campo estruturado" onde a subjetividade e o mundo se inter-relacionam, permitindo que o projeto emerja não de uma prefiguração mental isolada do arquiteto, mas de um processo de morfogênese[1] que articula materiais, técnicas, locais e as pessoas que vivem naquele contexto (Lima *et al.,* 2025).

Nesse cenário, o sujeito da cocriação não é apenas um "usuário" passivo, mas um sujeito da experiência, definido por sua abertura para ser afetado e transformado pelo encontro com o outro e com o lugar (Larrosa, 2021). Como propõe Larrosa, a experiência exige um gesto de interrupção da pressa tecnocrática para permitir a escuta e o tempo lento. Nos casos das praças de Suzano, essa escuta ativa foi materializada no *workshop* "O que tem atrás desse muro?", onde o saber técnico dos servidores se uniu aos saberes situados da comunidade escolar e, especialmente, das crianças.

A aplicação desses princípios nos projetos de Suzano demonstra uma transição de uma relação "instrumental" para uma relação "improvisacional" e "generativa" entre design e política pública. No instrumental, o design apenas resolve problemas previamente definidos; no improvisacional, ele permite que a gestão seja sensível à complexidade e incerteza do território; e no generativo, ele desafia suposições e permite a re-imaginação da própria cidade Enquanto a relação instrumental coloca o design a serviço da política para que ela funcione melhor nos

[1] Estudo do processo morfológico da paisagem urbana existente.

moldes atuais, a relação “generativa” permite que o design desafie a política a se transformar e se abrir para o inesperado e o plural (Richardson *et al.,* 2025).

Exemplos concretos dessa aplicação são vistos na Praça do Dinossauro, onde o desenho lúdico e genuíno das crianças subverteu o raciocínio cartesiano do arquiteto, transformando um terreno ocioso em um lugar de socialização que incorpora o "inesperado" — uma antítese ao pragmatismo adulto. Da mesma forma, na Praça Jardim Belém, a supressão dos muros escolares representou um ato de "generosidade urbana" que abriu o lugar para a experiência coletiva, respeitando a topografia natural e a fluidez do traço infantil.

Assim, A Praça do Dinossauro (antiga Praça Vila Urupês) desafiou as premissas dominantes em Suzano ao romper com a racionalidade técnica tradicional e o pragmatismo adulto, transformando-se em um marco de cocriação generativa e improvisacional. Em última análise, relacionar lugar e experiência como princípios da cocriação exige que o arquiteto e urbanista abdiquem do controle absoluto para adotar uma coautoria social. Ao projetar "com" a população, e não apenas "para" ela, o poder público legitima os percursos do cuidado e as práticas cotidianas como fundamentos de um urbanismo comprometido com a vida em sua pluralidade e complexidade.

Nesse sentido, realizaremos esse debate dividido em três etapas. Primeiro, vamos descrever o contexto da atividade que veio a iniciar o processo de co-criação de três praças públicas em Suzano, o workshop “o que tem atrás desse muro?”. Em segundo lugar, vamos descrever a evolução dos projetos, que partiram dos resultados do workshop e continuaram a ser desenvolvidos pela equipe técnica dos arquitetos de Suzano. Em terceiro lugar, vamos analisar e debater três aspectos do processo que indicam características peculiares da co-criação, cujos resultados seriam diferentes caso fossem produtos gerados pelo processo tradicional, do protagonismo de um arquiteto e o urbanista na condução da criação.

2 PROCESSOS E RESULTADOS CO-CRIATIVOS PARA PRAÇAS NO WORKSHOP “O QUE TEM ATRÁS DESSE MURO”

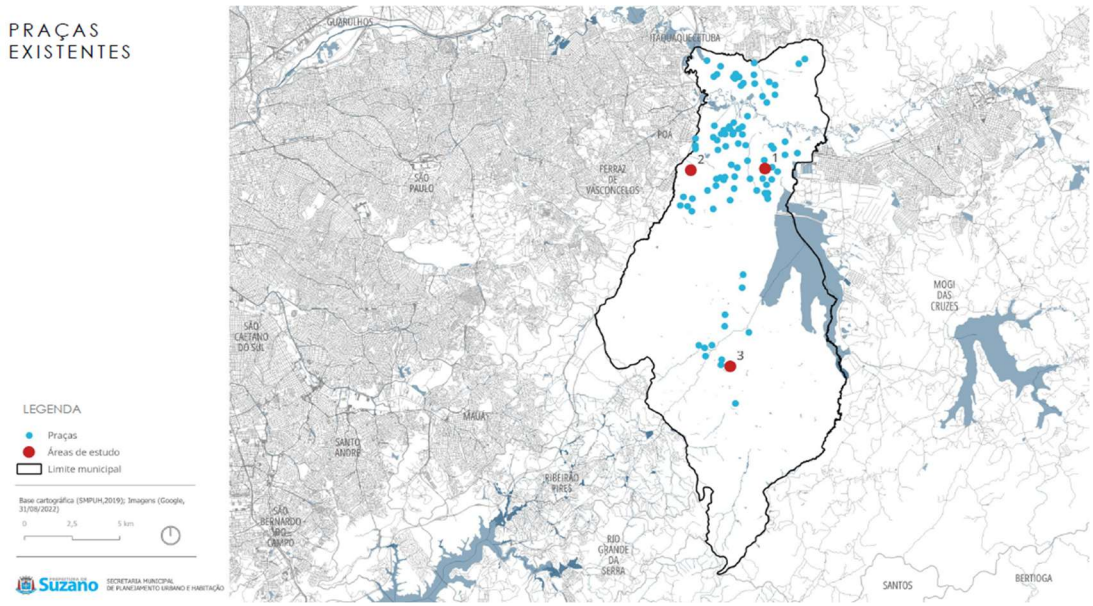
O município de Suzano está localizado na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a aproximadamente 34 km da capital paulista. O município possui uma área total de 206,236 km², dos quais 56,12 km² correspondem à zona urbanizada, e conta com uma população superior a 307 mil habitantes (IBGE, 2022). A RMSP foi instituída em 1970, reúne 39 municípios e concentra cerca de 22 milhões de habitantes, sendo responsável por 52% do Produto Interno Bruto estadual (SEADE, 2022).

Desde 2017 há uma continuidade de planejamento da política territorial desse município, cujos processos têm sido reconhecido inclusive por premiações a exemplo da 27ª edição da Premiação IABsp, realizada no contexto da 14ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo, que premiou “O Sistema de Planejamento Territorial de Suzano” destacando a “coerência e evolução consistente de sua estrutura de gestão urbana” e a implantação do sistema GeoSuzano como “marco dessa trajetória” (INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – DEPARTAMENTO DE SÃO PAULO, s.d.)

Durante o ano de 2023, o projeto de extensão de estudo chegou a desenvolver três grandes ações. A primeira, uma série de reuniões para organização e sistematização de informações georreferenciadas especificamente sobre o sistema de áreas verdes, com resultados de mapeamento de áreas passíveis de intervenção do poder público. Em segundo lugar foi o debate conceitual promovido a partir do seminário internacional "Suzano do Amanhã+5", que destaca os temas de mudanças climáticas e gênero e infâncias como pontos chaves para o planejamento das áreas verdes em contexto contemporâneo. Em seguida, promove-se um workshop integrando estudantes universitários, professores, pesquisadores, profissionais do poder público e agentes do território, para a criação de alguns projetos, que serão detalhados a seguir.

O workshop "O que tem atrás desse muro?" foi concebido como um dispositivo de investigação projetual centrado na análise de áreas verdes públicas situadas no entorno de escolas municipais, frequentemente segregadas por barreiras físicas. A seleção de três áreas no município de Suzano (Fig.1) — praça Jardim Quaresmeira, bairro Vila Amorim, praça Vila Urupês, no bairro Monte Cristo e praça Jardim Belém, no bairro Palmeiras — buscou contemplar distintas configurações territoriais, considerando variações de topografia, cobertura vegetal e inserção urbana. Essa escolha permitiu explorar como diferentes condicionantes ambientais e espaciais influenciam a formulação de propostas projetuais.

Figura 1: Mapa do município de Suzano com identificação das praças mapeadas, com destaque a localização das três praças estudadas no workshop.



Fonte: Prefeitura de Suzano, 2023.

A etapa preparatória envolveu a produção de material técnico por parte dos servidores municipais, contemplando diagnósticos territoriais detalhados. Paralelamente, foi promovida a participação da comunidade escolar, por meio da elaboração de registros produzidos por

crianças, de 4 a 10 anos, orientadas por seus professores, nos quais expressavam desejos e expectativas em relação aos espaços públicos (Fig. 02). Tal articulação evidencia uma estratégia metodológica que integra conhecimento técnico e saberes situados, ampliando o repertório de análise.

Figura 2: Mosaico de fotos dos desenhos realizados pelas crianças nas escolas de intervenção, com o tema “o que você desejaria em uma praça no lado da sua escola?”



Fonte: Prefeitura de Suzano, 2023.

O workshop, realizado em outubro de 2024 no contexto da “Semana Viver Metrópole”[2], estruturou-se em três momentos complementares: reconhecimento empírico das áreas, aprofundamento conceitual e desenvolvimento projetual colaborativo. A palestra do arquiteto paisagista Sun Alex contribuiu para a consolidação de referenciais teóricos e de um olhar projetual que considera as etapas de obra e gestão, subsidiando os debates em grupo que

[2] Evento anual organizado por alunos e professores, no qual são realizados várias palestras, oficinas, workshops, visitas a campo dentro de uma semana, voltada a uma reflexão temática definida pelo diretório acadêmico em torno da reflexão sobre a atuação de arquitetos, urbanistas, paisagistas e designers.

vieram a elaborar as propostas preliminares, materializadas em croquis, mapas mentais e pequenos relatos textuais.

Os desenhos produzidos por três grupos - um para cada praça pública - apresentado no fechamento desse evento para professores da universidade que não acompanharam a sua produção e as diretoras e coordenadoras das escolas afetadas pelos projetos (Fig. 03). Os estudantes, professores e técnicos da prefeitura apresentaram os resultados, que foram reconhecidos e avaliados pelos novos atores. Mais do que produtos, o processo construiu um espaço de escuta e troca nesse momento final. As questões ali elaboradas repercutiram nos diversos agentes participantes e as propostas elaboradas não se encerraram neste evento acadêmico, sendo posteriormente referenciadas pelos técnicos da prefeitura na continuidade novas fases projetuais. Nesse sentido, o *workshop* configurou-se como um espaço de mediação entre diferentes agentes, promovendo a articulação entre práticas institucionais e reflexão acadêmica.

Figura 3: Mosaico de fotos das apresentações na fase final do Workshop



Fonte: Própria, 2023.

Dois aspectos se destacam na análise do processo. O primeiro refere-se aos critérios ambientais adotados na seleção das áreas, que privilegiam a diversidade de condições, incluindo terrenos planos próximos a fundos de vale e áreas periféricas com relevo acentuado. Essa diversidade possibilitou a experimentação de soluções projetuais de baixo impacto, considerando tanto a

preservação de elementos naturais quanto a reconfiguração do relevo. O segundo aspecto diz respeito à incorporação da perspectiva de gênero, a partir das contribuições da professora Ana Gabriela Godinho Lima. Suas orientações estruturaram-se em três escalas — inserção urbana, entorno imediato e desenho da praça —, evidenciando a importância de abordagens multi escalares na qualificação dos espaços públicos.

Por fim, os desdobramentos dessa iniciativa revelam impactos significativos. No âmbito acadêmico, observa-se o fortalecimento de pesquisas ancoradas em problemáticas reais. Para o poder público, destaca-se a ampliação da capacidade reflexiva dos servidores. Já para a população, os efeitos se manifestam na qualificação das políticas urbanas, evidenciada pela incorporação do tema na agenda municipal, como no programa "Suzano mais Praças", que prevê a criação de 32 novas praças para a cidade e a restruturação de outras 18 praças.

3 DESDOBRAMENTOS PROJETUAIS DA CO-CRIAÇÃO DAS PRAÇAS PÚBLICAS

O programa "Suzano Mais Praças", lançado em 2025, já nasce incorporando em suas propostas alguns resultados que podem ser remontados a experiência do workshop, que partiu uma escuta e um diálogo da rede de educação infantil, a partir da provocação do que poderia ser esse espaço verde após a queda de seus muros.

Esse evento provocou e fomentou reflexões sobre o espaço livre urbano — especificamente áreas ociosas adjacentes às unidades escolares — com o propósito de viabilizar propostas projetuais que partissem de uma escuta e interpretação dos desejos do público infantil. A ideia seria traduzir os desenhos lúdicos por eles realizados, interpretados e debatidos no workshop, mas que precisam ser traduzidos agora por intervenções projetuais tangíveis para o processo de obra nos moldes das premissas de processos de licitação. Serão apresentados nesta etapa do texto o desenvolvimento das propostas pela equipe de arquitetos e engenheiros da municipalidade, que a partir da incorporação das perspectivas inéditas, irrestritas e genuínas geradas pelos estímulos criativos do desenho da praça, passariam a ganhar contornos do amadurecimento dessas ideias em expressões mais técnicas características da atuação dos arquitetos e urbanistas.

Há de se reconhecer que o processo de participação coletiva na concepção de projetos arquitetônicos e urbanísticos ainda é pouco usual entre os arquitetos. Contudo, mesmo quando tal prática é adotada, não pode ser considerada estritamente inovadora sob a ótica histórica. Em 1977, Kevin Lynch, em parceria com a Unesco, publicou a obra "Growing Up in Cities" (Crescendo nas Cidades) — uma experiência de vanguarda que investigava a percepção de adolescentes sobre o meio em que viviam. Em 2002, Louise Chawla, psicóloga ambiental e professora da Universidade de Kentucky, à frente de uma equipe multidisciplinar, revisitou essa bibliografia e deu continuidade ao trabalho de Lynch com a publicação "Growing Up in an Urbanizing World" (Crescendo em um Mundo em Urbanização). A obra propõe o aprimoramento do planejamento urbano por meio de processos participativos com crianças. A escuta e a interpretação de crianças para a formulação de projetos não é algo recente, mas não deixa de ser uma atitude incomum dentro das produções dos municípios brasileiros.

De modo geral, os arquitetos são conduzidos por um raciocínio predominantemente cartesiano, frequentemente associado a uma tensão entre criatividade e rigor técnico. Tal abordagem, por vezes, resulta em um pensamento limitado pelas severas exigências normativas, legislações e responsabilidades civis inerentes à prática profissional.

Por sua vez, as crianças, em sua essência, são curiosas e exploradoras desprovidas de preconceitos. Dotadas de um pensamento fluido e inventivo, não exercem a autocensura; para elas, nem mesmo os limites físicos de uma folha em branco atuam como restrição. Seus desenhos emanam honestidade e energia, carregando a liberdade necessária para conceber o inesperado — uma antítese ao pragmatismo adulto. O desafio da escuta das crianças consiste exatamente na realização de uma validação entre o lúdico criativo infantil com o sistema criativo e de rigor técnico dos profissionais da arquitetura e do urbanismo. Nesse processo de transformação é que se estabelece princípios co-criativos que serão descritos na explanação de cada uma das praças estudadas.

3.1 A Praça do Dinossauro (antiga praça Vila Urupês), bairro Monte Cristo

A praça Vila dos Urupês fica situada no bairro central de Monte Cristo, sendo uma área verde cercada e sem qualquer tipo de qualificação para acesso público, ao lado da Escola Municipal Oscar de Almeida Redondo. É um terreno de formato geométrico regular, relativamente plano, sem nenhum dossel arbóreo existente, exceto por uma figueira de grande porte no centro do terreno. Durante o workshop foi muito reiterado a posição central desse exemplar arbóreo na construção do espaço, e de uma gradação de uso, mantendo-se os usos infantis mais ao centro da praça, para segurança das crianças, e áreas de circulação mais na periferia. Foi debatido a importância de criar espaço de apoio para espera dos cuidadores das crianças, que por vezes ficam no meio da rua no aguardo da liberação das crianças na hora de vir buscá-las. Dos desenhos gerados pelas crianças da escola, destacou-se o desenho de ter dinossauros na praça, motivo este que levou a alterar o seu nome da praça na sua etapa de projeto.

Ao superar o ato de projetar como algo puramente tecnicista, arquitetos e engenheiros da prefeitura de Suzano buscaram considerar o olhar das crianças, ampliando-se as possibilidades projetuais de como se poderia incorporar a ideia do dinossauro. A ideia foi utilizar esse tema como forma de compor brinquedos, com cabeça e rabo de dinossauro e canteiros, com as pegadas dele. O projeto, além de seguir essa tentativa de ressignificar o desejo da criança, também nasce da necessidade de transformar um terreno ocioso e hostil, marcado pelo descarte irregular de lixo, para constituir um espaço que incentive o brincar e a socialização para elas.

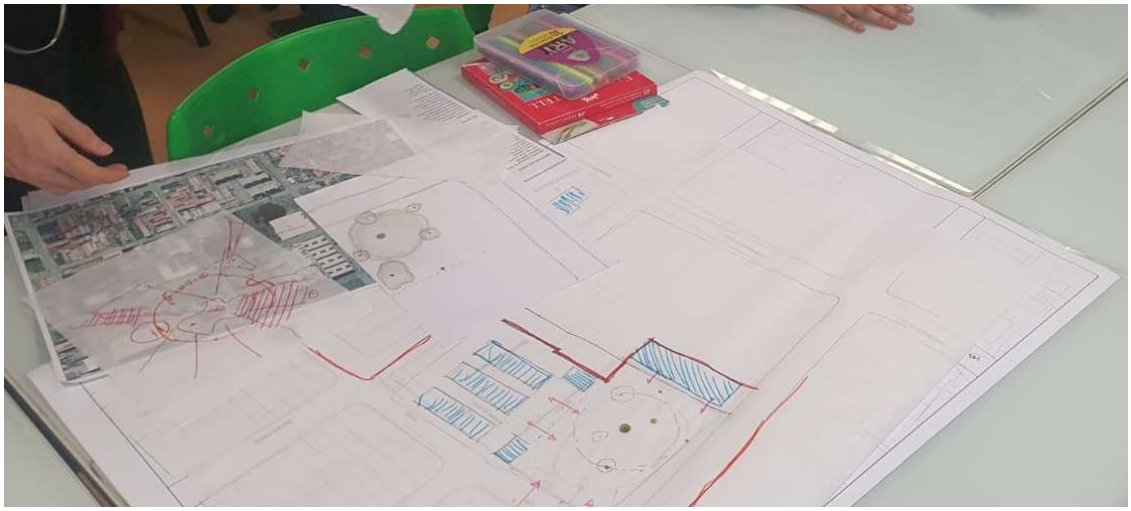
A proposta assume como protagonistas uma exuberante árvore preexistente e a coloca como elemento articulador dos demais elementos do projeto. A grande figueira se estabelece como o ponto focal do território; sua magnitude ancora o olhar e define a centralidade sobre a qual se desenvolve um equipamento lúdico de grande escala. Este se manifesta ora como escultura monumental, ora como uma sequência de atividades funcionais que configuram a morfologia do dinossauro. Em contraposição à malha ortogonal das quadras circundantes, o projeto adota

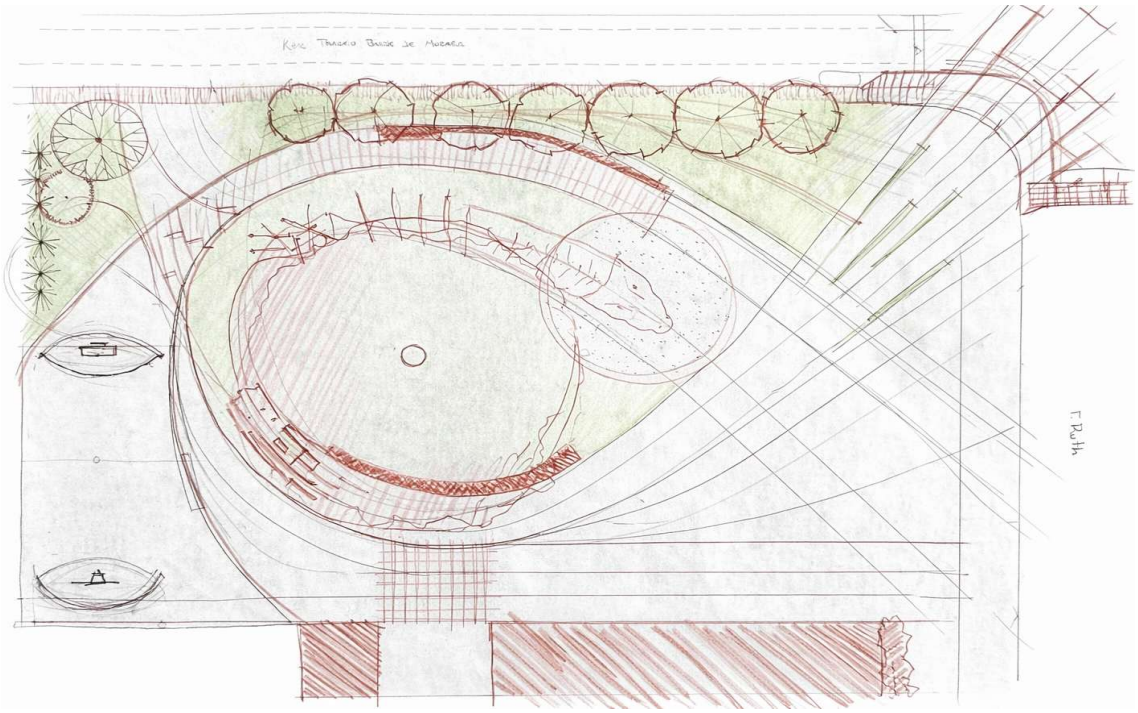
fluxos fluidos que se entrelaçam em espiral em torno da árvore, organizando os subsetores e espaços de permanência ao longo do percurso, de forma circular, uma alusão aos antigos espaços primitivos de encontro.

As materialidades e geometrias do pavimento extrapolam os limites convencionais da via, avançando sobre o leito carroçável. Esta estratégia configura uma clara afirmação de mudança de paradigma urbanístico, na qual a escala humana e a caminhabilidade sobrepõem-se ao fluxo de veículos — uma analogia direta à liberdade do traço infantil, que frequentemente ignora as margens da folha de papel. Sobre as áreas gramadas, foram impressas pegadas de dinossauro, elemento lúdico que instiga a investigação e a apropriação do espaço pelas crianças.

Quanto às estratégias ambientais, o projeto assegura a permeabilidade do solo em grande parte da intervenção, garantindo a infiltração e o manejo adequado das águas pluviais. A composição paisagística prioriza a vegetação nativa da Mata Atlântica, contribuindo para a biodiversidade local e o conforto térmico da área.

Figura 4 e 5: Croqui desenvolvido no Workshop e Croqui da Implantação da Praça resultante do desenvolvimento técnico da proposta.





Fonte: Própria, 2026

Figura 6: Imagem de perspectiva proposta para a praça pela equipe técnica da prefeitura de Suzano.



Fonte: Prefeitura de Suzano, 2024

3.2 A Praça Jardim Quaresmeira / Wanda Bienvenutti, bairro Vila Amorim

A praça Jardim Quaresmeira / Wanda Bienvenutti tem como acesso principal a rua Eunice Cerqueira Inocêncio, no bairro de Vila Amorim, também próximo à região central de Suzano. Ao seu lado se encontra a Escola Municipal Vera Lúcia. Seu terreno tem uma geometria regular, sendo retangular e de relevo pouco acentuado. Não é uma área cercada, embora não haja nenhuma qualificação para uso público, o que a faz não ter pessoas utilizando seu espaço. Há poucos exemplares arbóreos existentes, maioria de pequeno porte, exceto por uma árvore em posição central no terreno, de grande porte, e que projeta uma grande sombra. Durante o workshop, debateu-se a importância da referência dessa árvore para esse espaço, que mesmo sem qualificação, por vezes sua sombra atraia a permanência em curta duração de algumas pessoas. Nesse grupo debateu-se muito, para além dos espaços de brincar, as possibilidades de criação de espaços de permanência e ócio para crianças e cuidadores. Foi-se também cogitado nos debates a criação de espaços para geração de comida, como pomares e hortas, cuja produção e manutenção poderia ser integrada aos usos da escola adjacente.

O prosseguimento de seu projeto pelos arquitetos e engenheiros da prefeitura corroborou o protagonismo da árvore central, respeitando o seu sistema radicular e legitimando a apropriação lúdica das crianças, que já a utilizavam como um elemento natural de exploração. Contudo, verificou-se a inviabilidade de prosseguir com espaços como a horta comunitária, por problemas vinculados à gestão. O projeto prevê a criação de um pergolado para dar sombra para permanência mais duradoura, brinquedo chamado de casa na árvore e pequenos espaços gramados para brincar. Foi dada uma importância também para os espaços de permanência, que foram organizados de maneira multifuncional, privilegiando a estimulação multissensorial — desde componentes sonoros, por meio de zonas dedicadas ao som, até experiências táteis. Adotou-se, ainda, uma ampla área gramada destinada à contemplação, ao repouso e ao lazer passivo (piqueniques), posicionada de forma resguardada em relação ao fluxo viário principal. Tal decisão projetual reconhece que os usos preexistentes são condicionantes fundamentais para o fortalecimento do sentido de pertencimento da comunidade. O projeto também prevê a manutenção de mais de 60% de suas áreas vegetadas, utiliza pisos drenantes e acessíveis e procura incrementar os indivíduos arbóreos e ampliar os canteiros de forrações e herbáceas. Com isso, a intenção também é poder aumentar a capacidade de suporte ambiental para biodiversidade desse bairro.

Figura 7 e 8: Croqui desenvolvido no Workshop e Croqui da Implantação da Praça resultante do desenvolvimento técnico da proposta.





Fonte: Própria, 2026

Figura 9: Imagem de perspectiva proposta para a praça pela equipe técnica da prefeitura de Suzano.



Fonte: Prefeitura de Suzano, 2024

3.3 A praça Jardim Belém, bairro Palmeiras

A praça Jardim Belém fica no bairro Palmeiras, em trechos de ocupação de loteamentos distantes da área central da cidade, dentro do território de proteção aos mananciais, e mais próximo à ocupação histórica que levou a formação do município. Seu acesso principal é feito pela rua Valdir Dicieri, e fica ao lado da Escola Municipal Odário Ferreira da Silva. Atualmente parte dessa área verde já é utilizada para práticas de lazer dos estudantes, embora a área verde seja completamente murada, sem acesso público pelo bairro. Seu terreno tem uma geometria regular e nucleado, e tem o desafio de ter um terreno em acentuado declive, dividindo as áreas de seu terreno em três diferentes platôs, em muitos pontos desconexos dos níveis que se encontram na rua. No seu terreno não há nenhum exemplar arbóreo. Durante o workshop os pontos centrais da discussão seria a nova relação que esse espaço teria com a escola pública e como seriam solucionados a relação dos níveis internos com a rua para permitir acesso dos moradores do bairro. Foram verificadas possíveis novas conexões com equipamentos do entorno e pensado como os diferentes platôs e desníveis poderiam ser parte da organização de setores do espaço e criar deslocamentos interessantes para as crianças.

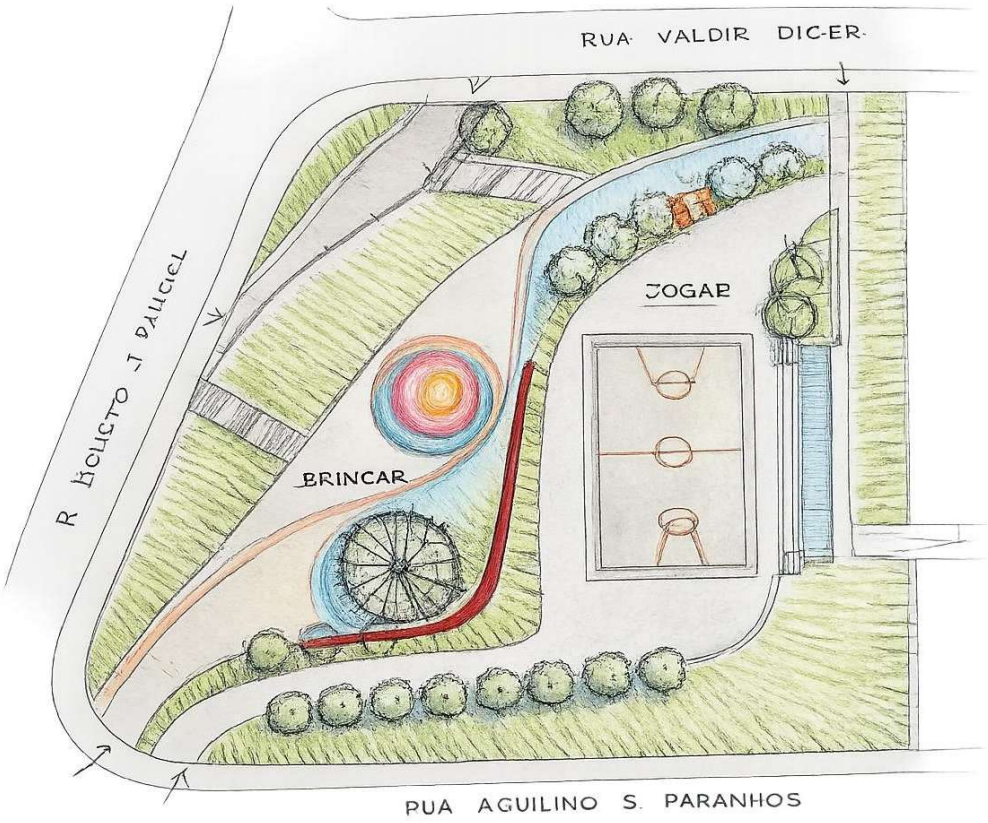
Para os arquitetos e engenheiros da prefeitura de Suzano, o conceito central baseou-se na reversão de um espaço confinado e subutilizado dentro do perímetro escolar. A proposta consistiu na derrubada, ou seja, na supressão dos muros — um ato de generosidade urbana que permitiu a abertura e o compartilhamento desse espaço com a comunidade e a cidade. A implantação de patamares e seus usos respeitou a topografia original e suas declividades naturais. Os passeios foram direcionados nas diagonais da praça, viabilizando percursos de

acessibilidade e caminhabilidade suave. Em contrapartida, no sentido transversal, onde ocorre o rompimento das curvas de nível, foram inseridas escadarias integradas a equipamentos lúdicos de escalada e escorregamento.

A paginação do piso mimetiza a fluidez dos traços infantis; o uso de formas circulares, sinuosas e cores vibrantes está intrinsecamente conectado ao espírito desbravador da criança, materializando no espaço público a estética e a energia das representações gráficas coletadas durante o processo participativo. O projeto paisagístico prioriza a flora nativa da Mata Atlântica, selecionando espécies com períodos de florescência distintos ao longo do ano. Essa estratégia assegura a completude do ciclo biológico e a manutenção de uma paisagem permanentemente florida, promovendo não apenas o valor estético e sensorial da praça, mas também o suporte à biodiversidade local e à avifauna urbana em diferentes estações.

Figuras 10 e 11: Croqui desenvolvido no Workshop e Croqui da Implantação da Praça resultante do desenvolvimento técnico da proposta.





Fonte: Própria, 2026.

Figura 12: Imagem de perspectiva proposta para a praça pela equipe técnica da prefeitura de Suzano.



Fonte: Prefeitura de Suzano, 2024

Os projetos aqui apresentados, fundamentados em processos participativos, demonstram que para além da inclusão ativa de crianças, a escuta de idosos e mulheres (comumente seus cuidadores) também amplia a assertividade da intervenção urbana. Essa perspectiva revela que, quanto mais plural é a escuta, mais resiliente e democrático pode se tornar o espaço público. No exercício da função pública, onde o "cliente" do projeto é a coletividade, a prática profissional deve transitar do 'projetar para' para o 'projetar com'. Ao adotar essa postura, o arquiteto e urbanista abdica do controle absoluto do desenho em favor de uma coautoria social, garantindo que o planejamento das cidades responda, efetivamente, aos anseios e à identidade de seus cidadãos.

4 ANÁLISE DOS PROCESSOS DE CO-CRIAÇÃO DAS PRAÇAS PÚBLICAS

A partir da caracterização da experiência de co-produção dessas três praças públicas, é possível construir um debate acadêmico na análise de três dimensões desse processo criativo. Parte-se aqui da constatação de que a experiência constitutiva desse processo foi determinante para o seu debate final, pois procurou-se estabelecer algumas dinâmicas para além do utilitarismo, com abertura para os imprevistos que porventura afetasse as etapas planejadas (Lima *et al. in* Martins *et al*., 2026). Com isso, as interações, escutas e vivências foram matéria prima para a criação dos espaços livres estudados.

Em primeiro lugar, destaca-se que se estabeleceu uma ampliação de uma pluralidade de olhares para a determinação das atividades e inatividades previstas para essas praças. Procurou-se ter uma escuta atenta para crianças das escolas, cuidadores, estudantes acadêmicos, professores, servidores públicos da educação e do planejamento territorial, especialistas do campo do paisagismo. Os múltiplos olhares e desejos desse grupo diverso quanto origem, formação, gênero e idade, constituiu um conjunto de camadas sobre as possibilidades que viram a ser transformadas ou testemunhadas nessas áreas verdes existentes.

Em segundo lugar, pode-se destacar que o envolvimento de pesquisadores com experiência de estudo e atuação no primeiro setor, mas sobretudo servidores municipais, constituíram um olhar fundamental de desenvolvimento das ideias considerando a realidade de contratação, implantação e gestão de espaços da esfera pública. Compreender as dinâmicas do poder público e os processos que legitimam seus processos de contratação da obra e manutenção tem especificidades que alteram premissas de projeto. Por exemplo, sabe-se que a criação e manutenção de espaços de água, como chafarizes ou espelhos d'água, são estruturas impossíveis de serem bem implantadas e mantidas dada a realidade da gestão do município de Suzano, fazendo com que os desejos apontados por estudantes nesse interesse pudessem ser ressignificados ou adaptados para a realidade orçamentária e de capacidade de recursos humanos da municipalidade. Construir esses olhares a partir das experiências profissionais são igualmente um passo transformador no processo criativo de sua concepção.

Em terceiro lugar, salientamos a relevância de uma etapa fundamental no processo criativo que foi levar os integrantes do workshop para conhecerem as áreas de estudo. A vista à campo, conhecendo a realidade do bairro, as ruas do entorno e as condicionantes físicas e ambientais na sua realidade vivida é um passo insubstituível para o processo criativo. Mesmo em um momento histórico de ampla disponibilidade de ferramentas digitais, a vivência do espaço e estar aberto a ser impacto por ele para vir a construir uma experiência não pode ser algo

substituído. Esse passo do conhecimento de observação e de construção sensível é um ato transformados em um projeto que se proponha a ter como referência a paisagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de cocriação das praças em Suzano gerou ganhos multidimensionais para os agentes envolvidos e resultados qualitativos significativos para a população, consolidando-se não apenas como uma ação isolada, mas como um embrião para um método replicável de gestão urbana. Destacamos, na sequência três aspectos centrais da análise dessa experiencia. Primeiro no que tange aos ganhos obtidos pelos agentes envolvidos; segundo no que se refere aos resultados para a população e, finalmente sobre a perspectiva dessa experiencia ser entendida como um método para a cocriação.

Para o os servidores do poder-publico, o principal ganho foi a ampliação da capacidade reflexiva dos técnicos municipais. Ao transitarem do "projetar para" para o “projetar com" os arquitetos e engenheiros abandonaram o controle absoluto do desenho em favor de uma coautoria social. Além disso, houve um aprendizado prático sobre como conciliar desejos da comunidade com a realidade da gestão (como a readequação de espelhos d'água inviáveis para estruturas de manutenção sustentáveis). Para a Academia, o *workshop* permitiu o fortalecimento de pesquisas ancoradas em problemáticas reais, integrando estudantes e professores em processos de morfogênese urbana, onde o projeto emerge da relação entre materiais, técnicas e as pessoas do lugar. A comunidade escolar (diretores, professores e crianças) viu seus saberes situados validados pelo saber técnico, transformando-os em sujeitos ativos da política pública e não meros "usuários" passivos.

Através da experiência vivida e do afeto, terrenos ociosos e hostis foram transformados em lugares dotados de valor e significado. A escuta plural (incluindo crianças, idosos e mulheres cuidadoras) resultou em espaços mais resilientes e democráticos. O exemplo da “Praça do Dinossauro” ilustra como o desenho lúdico infantil subverteu o pragmatismo adulto, criando um ambiente de socialização genuíno que prioriza a escala humana sobre o fluxo de veículos. Generosidade Urbana: Na Praça Jardim Belém, a supressão de muros escolares abriu espaços antes confinados para o uso coletivo de todo o bairro, promovendo a integração entre escola e cidade.

Essa estratégia pontual tem plena capacidade de se tornar — e já está se tornando — um método de criação estruturado. A experiência piloto fundamentou a criação do programa "Suzano Mais Praças", que prevê a aplicação dessa metodologia participativa na implantação de 32 novas praças e revitalização de outras 18. O método propõe uma mudança da cocriação instrumental (apenas resolver problemas) para a generativa e improvisacional. Isso permite que o design seja usado para reimaginar a própria política pública e responder de forma ágil às incertezas do território. As bases conceituais aplicadas nas praças (experiência do lugar, gênero e infância) estão sendo estendidas para o planejamento de bairros inteiros através do programa "Bairros Mais Completos", que busca Planos de Reestruturação Urbana Integrada baseados na leitura social do território. O método estabelece o gesto de interrupção da pressa tecnocrática (conforme proposto por Larrosa) como etapa obrigatória, garantindo que a escuta e a observação sensível do campo sejam os pilares de qualquer intervenção futura.

O *workshop* “O que tem atrás desse muro?” é aqui compreendido como a materialização do gesto de “parar para pensar” proposto por Jorge Larrosa (2021), atuando como uma interrupção necessária na lógica tecnocrática da prefeitura. Para Larrosa, a experiência exige um gesto de interrupção do automatismo e da pressa, permitindo que os sujeitos parem para olhar e escutar mais devagar, suspendendo o juízo e a vontade de controle. Essa pausa contribuiu para repensar os processos projetuais da prefeitura de Suzano. Tradicionalmente, os técnicos são conduzidos por um pensamento cartesiano e limitado por exigências normativas. O *workshop* funcionou como um dispositivo de interrupção que forçou a escuta ativa dos saberes situados da comunidade escolar e das crianças, cujos desenhos genuínos e desprovidos de autocensura representam a antítese do pragmatismo adulto.

Ao permitir que o "inesperado" orientasse o projeto, os técnicos abandonaram a postura de domínio para adotar uma coautoria social. Isso reflete a mudança de uma relação instrumental (onde o projeto apenas resolve problemas predefinidos) para uma relação improvisacional e generativa, onde o processo é aberto à complexidade e à re-imaginação da política pública. A etapa de visita a campo, levando os técnicos para vivenciarem a realidade física e ambiental do bairro, foi um passo insubstituível dessa "pausa". Essa vivência permitiu que o projeto emergisse de um processo de morfogênese, articulando o local e as pessoas, em vez de ser uma prefiguração mental isolada do arquiteto.

A interrupção da pressa permitiu que os técnicos deixassem de ver a cidade apenas como um sistema de fluxos e funções (espaço abstrato) para compreendê-la como lugar, ou seja, um espaço dotado de valor, afeto e significado através da experiência vivida. Em última análise, essa estratégia não foi apenas pontual; ela fundamentou o programa "Suzano Mais Praças", institucionalizando a escuta da infância como um método de planejamento permanente. Em suma, o que começou como um *workshop* acadêmico evoluiu para uma “chave política e projetual” que reposiciona o cuidado e a experiência humana como fundamentos de um urbanismo comprometido com a vida em sua pluralidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASIMIRO, Matheus de V. LIMA, Ana Gabriela G. COELHO, Eliene C. R.; AGUILAR, Carolina B. B. **“A Cooperação entre Poder Público e Universidade no Enfrentamento às Mudanças Climáticas: o plano de trabalho entre a prefeitura de Suzano e FAU-Mackenzie**. In: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 2024, Lisboa. Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 2023. v. 1.

COELHO, Eliene C. R.; GIROTTO, Camila de M.; ANDRADE, Bárbara E. C. **Experiência de Extensão Universitária como Processo de Projeto: o olhar da criança para o desenho dos espaços públicos.** In: 11º Fórum de Pesquisa FAU+D Mackenzie: emergências e permanências, 2024, São Paulo.

CHAWLA, Louise (Ed.). **Growing up in an urbanising world.** London: Earthscan; Paris: UNESCO, 2002.

Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento de São Paulo, 2025. Premiação IABsp: última premiação. Disponível em: https://iabsp.org.br/premiacao-iabsp/ultima-premiacao-iabsp/. Acesso em: 12 abr. 2026.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.

LIMA, Ana Gabriela G.; COELHO, Eliene C. R.; CASIMIRO, Matheus de V. CORADIN, Renata F. **Práticas Projetuais Contemporâneas: experiência, espécies companheiras e cuidado como estratégias do imprevisto**. In: MARTINS, Patrícia P.; BRASIL, Luciana T.; BARBOSA, Mariana A. *Processos de Projeto Contemporâneos*. São Paulo: Altamira Editorial, 2026.

LYNCH, Kevin (Ed.). **Growing up in cities: studies of the spatial environment of adolescence** in Cracow, Melbourne, Mexico City, Salta, Toluca, and Warszawa. Cambridge, MA: MIT Press; Paris: UNESCO, 1977.

RICHARDSON, L. *et al.* How do policy and design intersect? Three relationships. **Policy & Politics**, v. 54, n. 1, p. 70–90, 2026.

TUAN, Y. Y.-F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Londrina: Eduel, 2013.